

# Memórias do “entre”: processos migratórios entre Brasil e Bolívia sob o olhar da infância

*Camila Daniel\**  
*Jhosely Micaela Seminario Valero \*\**

## 1 INTRODUÇÃO

No campo das migrações entre países sul-americanos, a vinda de bolivianos para o Brasil recebe destaque. Ela não é um fenômeno recente: seu início data da década de 1950, quando vieram bolivianos principalmente como estudantes universitários ingressos em instituições brasileiras e também como trabalhadores em busca de uma alternativa de vida, tanto na dimensão econômica, como também política e social (SILVA, 1997). Será a partir dos anos de 1980 que a imigração boliviana se incrementará, passando a incluir um número significativo de pessoas em diversos ramos profissionais, como o ramo da confecção, mas também no comércio, serviços, profissões qualificadas, especialmente na área de saúde, como médicos, enfermeiros e dentistas (SILVA, 2007). Apesar de a presença boliviana no ramo da costura ser significativa, a Bolívia tem assumido um importante lugar entre países emissores de imigrantes profissionalmente qualificados e técnicos (PELLEGRINO, 2000).

É difícil saber o número de crianças que nasceu no exterior ou que convive com um ou dois progenitores oriundos de um país estrangeiro, como a Bolívia. Um dos complicadores para realizar este cálculo se deve ao fato de que algumas crianças nasceram no exterior, mas outras são filhas de imigrantes, sendo que nascidas no Brasil. Portanto, elas são brasileiras natas, mas convivem cotidianamente com a imigração através de seus pais. Na tentativa de preencher esta lacuna, Oliveira (2012) analisa microdados do Censo Demográfico para observar a presença do que chamou de “segunda geração” de bolivianos em São Paulo, ou seja, crianças e adolescentes brasileiros ou estrangeiros de cujos pais, um é boliviano. A pesquisadora observou um aumento da “segunda geração” de bolivianos em 2010, em comparação com o censo anterior, de 2000 (Baeninger e Oliveira, 2012; Oliveira, 2012). Entre os domicílios com pelo menos um cônjuge

---

\* Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências Sociais (PUC-Rio).

\*\* Graduanda em Administração no Instituto Três Rios da UFRRJ.

ou responsável boliviano com presença de filhos, a maioria absoluta desses filhos eram de “segunda geração” nos dados de 2010: 11.852 eram da segunda geração e 93 da primeira geração.

Como Sayad (1998) nos lembra, toda imigração é necessariamente uma emigração. Ou seja, os fluxos migratórios não significam uma ruptura total com o país de origem, nem uma imersão cega e irrefletida no país de destino, mas uma negociação entre os dois. A peculiaridade de viver entre o país de origem e o país de destino se estende à experiência de vida daquelas crianças que embarcaram no fluxo migratório por decisão de seus pais, bem como daquelas que, já tendo nascido no país estrangeiro para onde seus pais imigraram, crescem entre as duas realidades. Assim, neste ensaio, temos o objetivo de refletir sobre a imigração boliviana em São Paulo a partir da percepção e da experiência de indivíduos que, quando criança, cresceram em famílias bolivianas. Por meio de entrevistas semiestruturadas e pelo método da autoetnografia, observamos que a negociação entre a Bolívia e o Brasil é uma realidade cotidiana destes indivíduos. Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de iniciação científica que se encontra em andamento.

Além de incorporar a experiência de vida da coautora do texto, imigrante boliviana que chegou ao Brasil ainda bebê, este ensaio pretende lançar um olhar qualitativo para a experiência das crianças, atores que, apesar de terem na experiência migratória um elemento central em suas identidades, são preteridos nas análises tradicionais. Cabe ressaltar que nenhum dos interlocutores deste ensaio atualmente são crianças. Seus relatos sobre a infância numa família de imigrantes se referem à interpretação que hoje eles fazem do passado, das vivências que tiveram em tenra idade. Tais experiências são analisadas como uma forma de tratar a história viva e dinâmica da imigração boliviana, a partir da memória. Assim, ressaltamos que este ensaio traz à tona o debate sobre a infância, mas a partir do olhar de quem já não é mais criança.

## 2 OS FILHOS DE BOLIVIANOS EM SÃO PAULO: O PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Neste trabalho, entrevistamos oito pessoas: um homem e oito mulheres. Destes, seis são jovens e cinco são adultos. Os interlocutores desta pesquisa têm idade entre dezesseis e cinquenta anos. Desse total, três nasceram no Brasil, de pais bolivianos. Por outro lado, cinco dos entrevistados nasceram na Bolívia e foram trazidos por seus pais para o Brasil com idade entre 3 e 15 anos. Já os outros três entrevistados imigraram com idade entre 23 e 27 anos. Para os três últimos, a decisão de sair da Bolívia foi uma escolha individual, e não de seus pais, como no caso dos que chegaram no Brasil entre a infância e a adolescência. A inclusão de bolivianos que imigraram em idade adulta se deveu pela oportunidade que a coautora encontrou para entrevistá-los e, assim, poder refletir sobre as

particularidades da experiência migratória de adultos e crianças. No entanto, não incluímos estes relatos na análise que deu origem a este trabalho. Todos os pais e mães dos entrevistados são bolivianos, com exceção de dois deles, cujo pai tem origem peruana, assim como o pai da coautora. Nenhum dos entrevistados tem pais de origem brasileira.

Todas as entrevistas foram realizadas pela coautora, que é uma imigrante boliviana que veio para o Brasil ainda com quatro meses de vida, tendo voltado para a Bolívia, mas assumido residência em São Paulo aos sete anos de idade. Ela também se encarregou de entrar em contato e fazer a entrevista com os demais interlocutores por meio de sua própria rede de parentesco e amizade. As entrevistas foram realizadas em diferentes espaços, entre eles no local social que a coautora frequenta: uma igreja evangélica que congrega tanto bolivianos como brasileiros e japoneses; a Praça Kantuta, importante ponto de encontro para bolivianos em São Paulo, e um estabelecimento odontológico. Todas as entrevistas foram realizadas em espanhol e português, entre julho de 2017 e maio de 2018. Os interlocutores da pesquisa residem na zona norte de São Paulo, com exceção de um, que reside na zona oeste.

O nível de escolaridade dos jovens varia do ensino médio ao ensino superior. Os que estão no ensino médio almejam cursar o ensino superior aqui no Brasil, tentando entrar numa universidade pública ou entrando em uma Universidade privada, mesmo o custo sendo maior do que na Bolívia. Dentre os entrevistados que já cursam o ensino superior, eles estão inseridos em cursos como moda, biomedicina, fisioterapia. A coautora deste trabalho, por exemplo, tem vinte e quatro anos e cursa a graduação em Administração numa universidade pública no estado do Rio de Janeiro. Já dos adultos entrevistados, uma é dentista e a outra comerciante. Abaixo, apresentamos no quadro 1 o perfil dos entrevistados.

**Quadro 1:** *Perfil dos Entrevistados*

Nome	Idade atual	Nasceu no Brasil?	Idade de chegada no Brasil	Origem do Pai	Origem da Mãe
Fabiana	24 anos	Não	10 anos	Santa Cruz Bolívia	La Paz- Bolívia
Juliana	21 anos	Não	4 anos	La Paz-Bolívia	La Paz- Bolívia
Gabriela	22 anos	Sim	-	Peru	La Paz-Bolívia
João	16 anos	Sim	-	Piura - Peru	La Paz-Bolívia
Laura	50 anos	Não	15 anos	La Paz-Bolívia	La Paz-Bolívia
Monica	24 anos	Não	7 anos	La Paz-Bolívia	La Paz-Bolívia
Evelina	33 anos	Não	3 anos	Sucre- Bolívia	Sucre - Bolívia
Veronica	18 anos	Sim	-	La Paz- Bolívia	La Paz Bolívia

Fonte: elaboração das autoras

João, de 16 anos, Verônica, de 18, e Gabriela, de 22, nasceram no Brasil, porém seus pais são imigrantes. Enquanto o pai de João é de Piura, no norte do Peru, sua mãe é boliviana de La Paz. Gabriela também tem o pai de origem peruana – ela não informou de qual cidade – e e sua mãe, boliviana de La Paz. Por outro lado, tanto o pai como a mãe de Veronica são oriundos de La Paz. Entre os bolivianos que chegaram a São Paulo ainda na infância e, no caso de Laura, na adolescência – já que ela veio para o Brasil com 15 anos –, todos têm pai e mãe bolivianos, majoritariamente oriundos de La Paz. Monica, de 24 anos, Laura, 50 e Juliana, de 21, têm ambos progenitores nascidos em La Paz. Já Evelina, de 33 anos e Fabiana, de 24, têm suas mães oriundas de La Paz e os pais, de Sucre e Santa Cruz de la Sierra, respectivamente.

### 3 TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS COMO MEMÓRIAS DA FAMÍLIA

Apesar de terem suas vidas penetradas pela imigração por uma decisão de seus pais, as crianças de origem boliviana no Brasil tiveram no fluxo – físico, emocional e comunicacional – entre Brasil e Bolívia o pano de fundo para a construção de suas memórias de família. A história de migração dos pais é contada por estes jovens que explicam o porquê dessa migração. Fabiana e Juliana, por exemplo, nos revelam a história que conhecem sobre a imigração dos pais:

“Eles vieram aqui pro Brasil por trabalho. Sei que minha mãe veio bem jovem, com uns quinze anos, depois ela voltou pra Bolívia, se casou e veio com meu pai pra cá, para o Brasil. Já fomos para a Argentina também” (Fabiana, 23 anos).

“Primeiro veio meu pai, porque também vem de uma família bem simples. Ele trabalhava numa empresa de gelatina na Bolívia, só que aí teve uma vez que ele quis trazer uma gelatina pra casa e acabaram acusando ele de ladrão e estava para ser preso, então ele veio para o Brasil, então veio primeiro ele para o Brasil, aqui ele ficou 1 ou 2 anos sem a gente. Nós, minha mãe e minha irmã, vínhamos somente para visitar e voltávamos para a Bolívia, até que minha mãe decidiu ficar também no Brasil. Minha mãe também vem de uma família simples, mas o sonho dela é voltar para a Bolívia definitivamente, porque ela não quer ficar aqui. Ela decidiu ficar aqui no Brasil para nós, minha irmã e eu, não perdermos o contato com nosso pai, porque quando vínhamos visitar nosso pai aqui no Brasil a gente o chamava de tio. Eu fiquei definitivamente aqui com 4 anos e minha irmã tinha 7. Meu pai não quer voltar, mas minha

mãe quer voltar por causa dos pais dela, porque este país ainda é estranho pra ela. Já estamos aqui no Brasil uns 20 anos. Eu nasci lá, voltei o ano passado pra lá para visitar. Eu estou aqui no Brasil há 18 anos e nesses 18 anos só voltei 1 vez, minha mãe voltou umas 4 vezes e meu pai só umas 2 vezes”. (Juliana, 21 anos)

Nos seus relatos, Juliana e Fabiana nos mostram a relação de seus pais com a Bolívia e como eles construíram uma trajetória migratória, que não foi linear, mas de idas e vindas entre os dois países. A própria mãe de Fabiana já tinha experimentado viver no Brasil quando adolescente, mas voltou para a Bolívia até que, anos mais tarde, decidiu retornar ao Brasil, agora para permanecer sem uma previsão de retorno mais prolongado para a Bolívia. No caso de Juliana, a trajetória de migração da família também não foi linear: primeiro, veio seu pai e depois, ela, a mãe e a irmã. Antes da decisão de permanecer no Brasil, Juliana conta que sua mãe vinha com ela e a irmã visitar o marido em São Paulo. Preocupada que as filhas não reconheçam o pai, ela finalmente decidiu morar no Brasil, mas almeja um dia retornar para a Bolívia. A decisão de permanecer no Brasil impactou a relação de Juliana com o país de origem, que ela visitou apenas uma vez ao longo dos 18 anos que vive no Brasil.

Os entrevistados também demonstram que conhecem a realidade que levou os seus pais a saírem da Bolívia para imigrar para o Brasil. Como uma imigração predominantemente econômica, a imigração boliviana em São Paulo apresenta um grande número de indivíduos e famílias que saíram do país de origem em busca de novas e melhores oportunidades de trabalho. Os relatos dos nossos entrevistados nos mostram que essa história é compartilhada no seio familiar, inclusive entre os filhos. Por isso, os entrevistados conhecem os motivos porquê seus pais migraram e se sentem à vontade para contá-los, como fizeram João, Veronica e Gabriela.

“Meus pais tiveram uns problemas de família quando eles estavam morando na Bolívia e tiveram um problema econômico e eles tiveram que vir pra cá. Minha mãe tinha um conhecido aqui, que já morava há bastante tempo aqui e outros conhecidos que acolheram eles”. (João, 16 anos)

“Meu pai estava passando por algumas dificuldades, pois estava fazendo faculdade de matemática, só que a família dele teve alguns problemas financeiros e ele não conseguiu mais pagar a faculdade e teve que ficar ajudando o pai dele. Então como ele não tinha muito dinheiro e como também não tem muitas oportunidades de trabalho na Bolívia, meu pai decidiu vir para cá. Ele pretendia estar aqui no Brasil por três anos, juntar dinheiro e voltar pra Bolívia, mas não foi isso que aconteceu e ele está aqui até hoje. A minha mãe

ficou na Bolívia comigo quando ela estava grávida até que ela decidiu vir pra cá ficar junto com meu pai, para não ficar separado, então eu nasci aqui”. (Veronica, 18 anos)

“Meus pais chegaram no Brasil, porque eles não encontravam trabalho que sustentasse os dois. Meu pai vem de uma família pobre e de muitos filhos, então a mãe do meu pai tinha falecido, então ele tinha que sustentar os irmãos dele e meu pai estava na faculdade fazendo filosofia e letras. Ele teve que largar o curso e a profissão dele que era jogador de futebol para poder sustentar os irmãos e porque ele ia casar com minha mãe”. (Gabriela, 22 anos)

As histórias de dificuldades vividas pelos pais antes da decisão de ir para São Paulo são narradas pelos entrevistados, tanto os que nasceram na Bolívia, como os que nasceram no Brasil. Em comum entre eles está a representação da vinda para o Brasil como um momento, na trajetória de vida de seus pais posterior à fase de dificuldades, principalmente econômicas, que eles viviam na Bolívia. Quando conta que, ao terem problemas familiares, seus pais decidiram ir para São Paulo, sendo acolhidos por um amigo da mãe, João explicita que seus pais contavam com uma rede de apoio que impulsionou a decisão de sair da Bolívia rumo a São Paulo. Já Veronica e Gabriela explicam que emigrar não fazia parte dos planos de seus respectivos pais, já que estavam cursando o ensino universitário. Ambos tiveram que interromper a universidade para trabalhar e foi assim que emigrar para o Brasil se tornou um horizonte. Em todos os casos, o fluxo migratório é compartilhado como parte constitutiva das famílias, que desenvolvem suas redes de relações entre o Brasil e a Bolívia.

#### 4 APRENDENDO ESPANHOL

Assim como observa Oliveira (2014) em sua pesquisa sobre a questão do idioma entre a segunda geração de bolivianos em São Paulo, um elemento crucial nos relatos dos interlocutores da pesquisa é o conviver cotidianamente na infância com, pelo menos, dois idiomas, que representam as duas sociedades por onde transitam: o espanhol, representando a Bolívia, e o português, representando o Brasil. Em nossa pesquisa, todos os entrevistados foram alfabetizados em português e dominam o idioma, tendo o sotaque da região de São Paulo onde residem. Além do português, alguns deles também são fluentes em espanhol, sentindo-se seguros e à vontade para falar o idioma nativo dos pais. Assim como eles, a coautora é fluente tanto em português, língua que aprendeu na escola brasileira, e o espanhol, que, com muito orgulho, enfatiza que aprendeu na família, com seus pais. No entanto, nem todos os entrevistados afirmam que falam espanhol. Alguns relatam que compreendem o idioma dos seus pais quando o escutam, mas se sentem constrangidos em responder no mesmo idioma.

A coautora do texto relata que sua mãe sempre se esforçou para que ela e seu irmão, nascido no Brasil, se comunicassem com ela em espanhol. Parte do processo de aprendizagem do espanhol no Brasil envolveu conviver com músicas e danças típicas da Bolívia no dia a dia dentro de casa. Diferentemente da coautora, alguns dos entrevistados não têm o espanhol como língua primária na sua comunicação nem com os pais, nem com parentes ou amigos de origem boliviana. Eles não dominam todas as habilidades comunicativas – falar, compreender, ler e escrever – da língua espanhola.

Na análise da coautora, o caso dos bolivianos e filhos de bolivianos que não dominam todas as habilidades comunicativas do espanhol está relacionado com o fato de seus pais não terem exigido que, quando falavam com seus filhos em espanhol, eles respondessem no mesmo idioma. Evelina, por exemplo, relata como a comunicação na sua casa sempre foi bilíngue: seus pais falando com ela em espanhol e ela respondendo em português. Ela comenta que fala espanhol quando está entre bolivianos, mas lamenta não se sentir fluente o suficiente para ensinar à sua filha o idioma dos avós:

“Meus pais sempre falaram espanhol em casa e nós respondíamos em português. Até agora é assim, nós não falamos quase nada de espanhol em casa, eu só falo espanhol com a comunidade boliviana, mas me dá pena, porque queria ensinar espanhol para a minha filha, porque minha filha é brasileira, mas ela está fazendo curso de espanhol e também gosta de ouvir músicas em espanhol” (Evelina, 33 anos).

Apesar do convívio cotidiano com o espanhol, seja explorando todas as habilidades comunicativas, seja apenas escutando seus pais, os jovens entrevistados não tiveram acesso a um ensino formal do idioma quando crianças no Brasil. Os entrevistados nos demonstram que a aquisição do idioma materno e paterno no contexto de migração não é natural e automática, mas, sim, um processo que apresenta singularidades que variam de acordo com fatores como a frequência com que a língua espanhola é utilizada entre os diferentes membros do núcleo familiar, o quanto os adultos da família estimulam as crianças a se comunicar no idioma, e se elas mantêm contato com amigos e parentes que não se comunicam em outra língua além do espanhol.

No caso da coautora, além de sua mãe exigir que ela e seu irmão falassem espanhol em casa, aos três anos, ela voltou a morar na Bolívia, onde passou cinco anos, tendo, inclusive, frequentado a escola. Ainda hoje, ela mantém contato sistematicamente com seus parentes residentes na Bolívia por meio das redes sociais. Sua trajetória revela que não foram apenas os esforços de sua mãe que fizeram com que ela aprendesse espanhol. Os anos vividos na Bolívia, participando da vida escolar, também desempenharam um papel importante não apenas para ela aprender o idioma, mas também para construir uma relação

de mais proximidade com seus familiares que moram na Bolívia. Ao contrário da coautora, Gabriela se sente mais à vontade se comunicando em português, mesmo quando em diálogo com seus familiares bolivianos. Na sua avaliação, ela “não fala bem espanhol”. A jovem comenta: “Eu falo em português com meus parentes, porque eu não falo bem o espanhol”.

Juliana também se sente insegura falando espanhol. Desde que veio para o Brasil, aos 4 anos, ela só foi à Bolívia uma vez. Agora, ela cursa o ensino superior em biomedicina e trabalha numa clínica médica. Ela conseguiu juntar dinheiro e viajar para La Paz, viagem que fez sem a companhia da família. Lá, ela se reencontrou com seus parentes bolivianos. Ela nos conta que conseguiu se comunicar com seus primos e tios em espanhol, mas que sempre perguntava se estavam compreendendo seu espanhol. Mesmo assim, ela conseguiu se comunicar no idioma de seu país de origem.

## 5 APRENDENDO PORTUGUÊS

A aquisição do espanhol como língua de comunicação no interior da família está intimamente relacionada com a relação que as diferentes gerações, que compõem a família boliviana no Brasil, têm com a língua portuguesa. Dois motivos que podem explicar por quê Gabriela se sente insegura comunicando-se em espanhol: o fato de que quando ela era criança, não teve contato com a língua espanhola nas instituições de ensino; e ainda quando seus pais decidiram se comunicar com ela e suas seis irmãs em português quando elas eram crianças. Esta decisão foi tomada como uma forma de precaução para que não acontecesse com Gabriela e suas irmãs mais novas o que tinha acontecido com a irmã mais velha, que sofreu duramente quando entrou para a escola no Brasil. Gabriela explica que, desde o ocorrido, não apenas as crianças da casa adotaram o português como língua franca, mas também os próprios pais. Como consequência, Gabriela quase não teve contato frequente com o espanhol ao longo da infância e adolescência.

Assim, o aprendizado do português ocorre num processo muito particular, muitas vezes em conflito com o espanhol. Os entrevistados relatam que a escola era a instituição que representava o mais profundo contato com o Brasil na sua experiência quando crianças, bem como a primeira vez em que viram-se obrigados a comunicar apenas em português com pessoas que não compreendiam o espanhol. No caso de Gabriela, a jovem recorda que seus pais acompanharam a dificuldade da filha mais velha de se adaptar à escola. Como não sabia falar português, ela sofreu para aprender as matérias. Devido a esta dificuldade, os pais decidiram adotar o português como língua de comunicação

em casa, inclusive entre eles. No entanto, eles tinham dificuldades com a língua estrangeira, dominando o português na sua forma oficial. Por isso, o português que falam estava misturado com o espanhol, o que é popularmente denominado como *portunhol*.

Um problema que aconteceu na minha casa foi que, quando minha irmã mais velha nasceu, meus pais não sabiam falar português, então ela teve muita dificuldade na escola para aprender o português, ela quase chegou a repetir o primeiro ano e ela sofreu bastante o período de adaptação na escola, porque era muito diferente estar na escola e estar em casa... Ela aprendeu português na escola e o resto de nós foi aprendendo, minha irmã mais velha já aprendeu português e minha mãe tinha aprendido um pouco. Minha mãe sempre falou em espanhol, mas minha mãe ainda fala um *portunhol*, a gente foi aprendendo com nossas irmãs (Gabriela, 22 anos).

Além de relatar o esforço dos pais para se adaptarem às necessidades dos filhos de aprender a língua portuguesa para se inserir na comunidade escolar, mesmo sem eles dominarem as regras do português formal, Juliana e Gabriela analisam ainda as diferenças nas experiências de cada irmão da família, de acordo com a fase da migração familiar em que cada um entrou para a escola. Ambas refletem que, para suas respectivas irmãs mais velhas, foi mais difícil aprender português e se adaptar à escola já que, quando elas alcançaram a idade escolar, seus pais tinham menos tempo de estadia no Brasil e, por consequência, menos domínio do idioma e menos experiência de como seria para seus filhos se adaptarem à vida brasileira. Ao mesmo tempo, sua irmã mais velha assumiu um importante papel para que a família desenvolvesse estratégias visando evitar que as crianças, principalmente as menores, enfrentassem as mesmas dificuldades que os mais velhos enfrentaram:

... minha irmã mais velha sofreu mais, ela veio com sete anos, chegou a estudar na Bolívia, então a adaptação dela aqui foi muito puxado, mas na escola os professores sempre tentavam ajudar ela, então ela conseguiu se adaptar. Tenho quatro irmãos, para mim foi um pouco difícil também, porque às vezes a gente mistura o português e o espanhol. Meu pai como chegou antes ele já sabia mais um pouco do português, então ele falava com a gente no português dele, mas gente realmente teve mais dificuldades foi minha irmã mais velha, porque nenhum dos meus pais sabia falar direito o português, então para ela aprender português demorou. Meu irmão mais novo teve dificuldades no começo, pois ele misturava as duas

línguas também e como meus pais falavam só espanhol em casa a gente acabava misturando na escola, então para evitar isso meus pais começaram a falar o português deles em casa, umportunhol (Juliana, 21 anos).

No processo migratório, os pais de Juliana e de Gabriela respectivamente tiveram a oportunidade de aprender a partir da experiência da filha mais velha. Assim, elas mostram que a experiência migratória é vivida de maneira singular por cada indivíduo no seio familiar, de acordo com a idade com que imigraram, o tempo no Brasil e, no caso das crianças, se já havia outro membro da família que falava português quando elas ingressaram na escola. As irmãs mais velhas assumiram um papel pioneiro, tanto na interação com a escola, quanto no aprendizado formal do português, processo marcado por dificuldades e experimentações não apenas para elas, mas também para os adultos da família, principalmente os que não dominam a língua portuguesa nos padrões oficiais.

Por outro lado, no caso de Veronica, seus pais se comunicavam apenas em espanhol. Por isso, o aprendizado do português aconteceu principalmente após seu ingresso à escola:

Meus pais falam espanhol em casa... sempre falaram espanhol em casa. Eu aprendi português na escola, então por força maior aprendi sozinha, porque não teria como me comunicar na escola. Não tive dificuldades, como nasci aqui, fiz todos os anos de escola no Brasil, mas às vezes eu confundia algumas palavras, por exemplo, não sabia o que era tábua e não tinha ninguém para me ensinar o significado. Em casa falo espanhol, mas meu espanhol não é tão bom quanto meu português. Com as minhas amigas bolivianas converso nos dois idiomas, às vezes em português e outras em espanhol (Veronica, 18 anos).

Em seu relato, Veronica comenta que se sente mais fluente em português que espanhol, explicando que aprendeu a língua oficial do Brasil, país onde nasceu, sem dificuldades. Por outro lado, a jovem expressa que aprendeu português “por força maior”, quando entrou para a escola. Assim, podemos identificar uma contradição na sua fala, já que tal expressão indica uma ação de violência e coação em que o indivíduo não tem outra opção a não ser aquiescer. O caso de Veronica em muito se assemelha ao da coautora, que também teve que aprender português sem a ajuda dos pais. Para ambas, o aprendizado do português na infância foi um caminho solitário, em que não podiam contar com a participação dos pais, já que eles também não dominavam o idioma. No entanto, as duas hoje são fluentes nos dois idiomas, o que expande suas possibilidades de comunicação, permitindo-lhes transitar por espaços sociais e simbólicos tanto em português, quanto em espanhol, assim como empregar as duas línguas ao mesmo tempo, como Veronica faz com suas amigas.

Os relatos dos entrevistados evidenciam que as formas como as crianças bolivianas e filhas de bolivianas aprendem português estão diretamente relacionados à maneira com que os adultos em seu entorno lidam não apenas com o idioma local em si, mas também com a pressão que a sociedade brasileira exerce para que crianças e adultos se adaptem ao país, principalmente através da escola. Na pesquisa realizada com crianças bolivianas e brasileiras filhas de bolivianos na educação infantil em São Paulo, Freitas e Silva (2015) apontam que elas são duramente repreendidas pelas professoras quando falam espanhol. Muitas professoras recomendavam que os pais hispanofalantes se comunicassem com seus filhos apenas em português. Algumas faziam tal recomendação em forma de pressão, alegando que, caso contrário, as crianças não conseguiriam ser alfabetizadas. Ou, ainda, adotavam como postura um nacionalismo autoritário que beirava à intolerância, sobrevalorizando o Brasil – e a língua portuguesa –, detrimento da Bolívia e da língua espanhola.

## 6 AS NEGOCIAÇÕES LINGUÍSTICAS ENTRE CRIANÇAS E ADULTOS

Gabriela conta que, atualmente, seus pais voltaram a empregar o espanhol como língua de comunicação. A jovem atribui a mudança ao fato dela e seus irmãos já serem fluentes no português brasileiro e seus pais já não se sentirem mais responsáveis pelo idioma que seus filhos empregam. Uma questão interessante que o caso da Gabriela e sua família levanta é que, além da experiência da filha mais velha ter servido de parâmetro para os pais decidirem falar português com seus filhos em casa, como aconteceu na família de Juliana, tal decisão esteve sujeita à reavaliação com o crescimento dos filhos. Assim, os pais de Gabriela demonstraram que a opção de falar em português em casa tinha como prioridade contribuir para a inserção dos filhos na escola. Por isso, ao perceberem que seus filhos já não necessitavam de seu apoio linguístico para se inserir na vida social brasileira, eles voltaram a empregar o espanhol como língua de comunicação do casal, mesmo que seus filhos prefiram falar português. E, assim, a família se comunica em espanhol e em português simultaneamente, respeitando a individualidade de seus membros. O caso da família de Gabriela explicita os processos de negociações e reavaliações que pais e filhos realizam no seio familiar, de acordo com a posição de cada um nos processos migratórios e na interação com brasileiros e bolivianos.

Para as famílias migrantes, a entrada das crianças na escola representa sua inserção na sociedade brasileira, sem ou com pouca mediação dos pais. Na experiência da grande maioria dos entrevistados, seus pais não se comunicavam em português segundo as regras da norma culta, por isso, enfrentavam severas limitações para ensinar o idioma local para seus filhos. Para muitas crianças migrantes e filhas de migrantes, a entrada na escola foi acompanhada pela urgência em aprender português, sem poder contar com uma estrutura de

apoio, seja da família, quando os pais ou não sabem português ou não o ensinam para os filhos, seja da escola, que não possuía métodos de ensino e aprendizado específicos para crianças que têm o português como segunda língua. Como relata Gabriela, sua irmã mais velha enfrentou dificuldades na escola, pois ainda não era capaz de se comunicar em português e seus próprios pais também não. Quando sua irmã adquiriu tal habilidade, ela se tornou o elo de apoio de seus irmãos mais novos, inclusive para a própria Gabriela, para realizar a negociação linguística necessária para se inserir na escola. Em muitas famílias, as primeiras crianças a aprenderem português passam a assumir uma responsabilidade particular, a de mediar o mundo dos adultos migrantes com a sociedade brasileira, exercendo o papel de tradutores, e também de instrutores de português para outros membros da família.

## 7 O BRASIL PELA ESCOLA: OS DESAFIOS DAS CRIANÇAS IMIGRANTES NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Em sua pesquisa com crianças filhas de bolivianos inseridas na educação infantil, Freitas e Silva (2015) observaram o papel central que o aprendizado do português ocupa na interação das crianças bolivianas com as crianças brasileiras e com seus professores. Os autores mostram que não existia, nas escolas observadas, um padrão de como lidar com crianças para quem o português era a segunda língua, muitas delas filhas de pais que também não falam português. Para as crianças imigrantes e filhas de imigrantes, a escola desempenha um importante papel na sua trajetória, representando o contato direto com a sociedade brasileira. Foi na escola que muitos deles tiveram seu primeiro contato com brasileiros e, na maioria dos casos, permeado de grandes dificuldades e tensões.

Os entrevistados contam que, quando criança, as dificuldades que enfrentaram com a escola não se limitaram à aquisição do português, ou à aprendizagem dos conteúdos da educação formal que a escola oferece. Uma dificuldade que os entrevistados relatam eram as discriminações que sofreram por parte de professores e alunos. Gabriela, Fabiana e Evelina, por exemplo relatam que viveram diferentes experiências de discriminação, tanto verbal quanto física:

“Eu sofri *bullying*, racismo, preconceito. Cheguei a apanhar já, porque eu era boliviana e o menino foi lá e me bateu do nada, eu estava bebendo água e estava junto com outra menina que era amiga dele e parece que ele não tinha gostado que eu tivesse ficado perto dela, então ele foi lá e me bateu. Eu tinha 9 anos, estava na terceira série”.  
(Gabriela, 22 anos)

“Tinha alguns apelidos na escola, como: “Bolívia”, não te chamando pelo nome. Nunca rebati, sempre fiquei quieta, mas com o tempo, como já tinha minhas amigas, então elas me defendiam”. (Fabiana, 23 anos)

“Acho que sempre se sofre preconceito aqui, pelo idioma, por exemplo, o tempo de escola foi muito difícil, achava que todos gritavam muito alto e não entendia o que eles falavam, depois tive preconceito também porque meus pais não falavam nada do idioma quando chegaram aqui, então tudo era muito difícil, desde fazer os documentos ou de onde obter informações. Eu tinha poucos amigos na escola, mas pensava que era porque era tímida, mas em uma reunião de pais minha mãe descobriu que os pais dos outros alunos disseram aos seus filhos que não podiam ser amigos da gente porque éramos bolivianos” (Evelina, 33 anos).

Os relatos de Gabriela, Fabiana e Evelina apresentam o processo de inserção na escola, como também na sociedade brasileira, permeado por diferentes tipos de hostilidades e violências: Gabriela sofreu agressão física; tendo sua individualidade ignorada, Fabiana era apelidada como “Bolívia”, de forma depreciativa, e Evelina foi impedida pelos pais de seus colegas de turma de ser amiga deles. As entrevistadas nos revelam que a violência perpetrada contra as crianças bolivianas pode assumir diferentes faces, algumas físicas e explícitas, enquanto outras, veladas e simbolicamente agressivas. Longe de serem casos isolados, as experiências de violência vividas na escola, lembradas pelas entrevistadas, em muito se assemelha aos casos observados por Freitas e Silva (2015), em que crianças bolivianas na educação infantil eram consideradas sujas e apelidadas de “Bolívia”. Ainda hoje, não são raros os casos de crianças e adolescentes que sofrem agressões físicas e verbais nas escolas de São Paulo (Gonçalves, 2016; Magalhães, 2010; Magalhães e Schilling, 2012)

Dois questões que emergem dos relatos merecem ser salientadas: os atores que participam das práticas discriminatórias e as maneiras como elas, ainda crianças, reagiram a tal violência. Na primeira questão, sobre quem são os atores que discriminam, é importante ressaltar que as crianças, colegas de escola, praticam atos de violência, porém não estão isoladas. Atos discriminatórios também são praticados pelos adultos, como os pais dos ex-colegas de turma de Evelina e professores, como mostra a pesquisa de Freitas e Silva (2015).

A segunda questão importante, que a fala das entrevistadas suscita é a maneira como elas lidaram com a violência cotidiana na escola. Fabiana, por exemplo, quando era designada como “Bolívia”, ela ficava “quieta”. Por sua vez, Evelina, ao contar que tinha poucos amigos na escola, “pensava porque era tímida”. Nos dois casos, as jovens assumiram sozinhas o custo emocional

e o sofrimento gerados pela discriminação. No entanto, Fabiana conta que conseguiu fazer amigas que, preocupadas com ela, assumiram o papel de protegê-la. No caso de Evelina, sua fala traz elementos para constatar que sua primeira reação foi internalizar a responsabilidade de não conseguir fazer amigos na escola, se culpabilizando, acreditando que sofria de timidez. A descoberta do acordo coletivo dos pais de seus colegas para que eles não se relacionassem com ela revelou que sua dificuldade em fazer amigos na escola não era um problema seu. Caso tal acordo não tivesse sido revelado, é provável que ela crescesse com uma visão distorcida de si (Goffman, 1988), acreditando que o problema em não conseguir fazer amigos era dela, e não da xenofobia dos pais de seus colegas de turma.

Quando entraram na escola na infância, Fabiana, Juliana e Evelina não tinham referência de muitas outras crianças bolivianas ou filhas de bolivianos em seu ambiente escolar. Apesar de a presença boliviana em São Paulo hoje ser mais numerosa do que no passado, João, de 16 anos e Veronica, de 18, brasileiros filhos de bolivianos, ainda são alvo da xenofobia e do racismo na escola:

Teve uma vez que eu estava indo pra casa e não sei por que parei no meio do caminho para ver se algum amigo estava atrás de mim e quando virei a cabeça para olhar tinha duas meninas brancas e me disseram: “Dá licença, oh boliviano!”. Eu não liguei, mas me deu vontade de xingá-las (João, 16 anos).

Eu fui massacrada na escola de preconceito, porque quando eu era criança não tinha muitos bolivianos aqui no Brasil e eu fui uma das primeiras a entrar na escola e me tornei o foco da escola, até os professores ficavam no meu pé, me interrogando toda hora. Mas as crianças são malvadas, elas falam tudo que vem a mente e me machucavam muito e **você acaba tendo medo daquilo que você é**. Mas ultimamente penso que não devo negar de onde vim, porque é o país dos meus pais e acabei aceitando (Veronica, 18 anos).

Apesar de mais jovens, João e Veronica relatam uma experiência na escola muito similar à de Fabiana, Gabriela e Evelina. Ainda que convivendo também com a violência, uma diferença na maneira como João e Veronica narram sua relação com a escola é incluir em sua fala como eles se sentiram. João declara que, ao ser pejorativamente chamado de “boliviano” por duas meninas brancas no caminho da escola para casa, ele diz que “não ligou”, mas que “deu vontade de xingá-las”. A fala do jovem demonstra um conflito de sentimentos, entre a vontade de xingar, o que explicita raiva, e o “não ligar”, o que demonstra indiferença. Apesar disso, João assumiu uma fala diferente das de Evelina e

Fabiana, que declaram ter ficado “quietas” e “tímidas” diante da violência física e simbólica que sofreram. O fato de João explicitar a raiva, descrevendo que teve “vontade de xingar”, pode indicar um processo de politização do cotidiano dos bolivianos e seus descendentes em São Paulo, inclusive de crianças e jovens, que já conseguem entender a discriminação, não se culpabilizam por ela e expressam seus sentimentos.

Assim como João, Veronica também relata como se sentia quando era discriminada na escola. Ela revela que era discriminada por alunos e também por professores, o que lhe “machucava” e gerava “medo de ser o que você é”. Veronica faz uma profunda reflexão sobre sua identidade, como brasileira filha de bolivianos, e a tensão que ela sofre por não se inserir no imaginário brasileiro hegemônico, já que se identifica simultaneamente com o Brasil e a Bolívia. Assim, a fala de Veronica nos permite refletir sobre as dificuldades que a cultura nacional brasileira, difundida na escola, impõe à Veronica, por não incluir em sua representação referências de brasileiros como ela e João, que vivem num contexto migratório. Apesar da discriminação e do sofrimento que viveu desde a infância, Veronica, hoje com 18, reconhece que a Bolívia também é seu país. Mesmo não tendo nascido lá, ela assume o país de seus pais como seu país também. Veronica, portanto, difere daquelas crianças brasileiras filhas de bolivianos que, diante das discriminações, se assume publicamente como brasileira (Freitas e Silva, 2005). Assim, ela relativiza uma concepção de identidade nacional baseada numa única forma de identificação, reconhecendo-se como brasileira e boliviana concomitantemente.

No caso de João, sua relação com a escola e a sociedade brasileira teve a contribuição das gerações anteriores. Tal contribuição aconteceu dentro da família, em que sua irmã mais velha o auxiliou a lidar com a realidade da escola, assim como aconteceu nos casos de Gabriela e da Juliana. Além disso, o próprio ambiente escolar em alguns bairros de São Paulo presenciou um significativo aumento do número de crianças de origem boliviana em sua população, o que permite que pais e alunos compartilhem experiências e construam formas coletivas de combate às opressões na escola.

Além disso, um elemento fundamental no processo de violência das crianças brasileiras, na interação com os entrevistados, era o racismo. Todos os entrevistados apresentam um fenótipo indígena, tendo características corporais como pele amarronzada, cabelo preto liso e baixa estatura em relação às crianças brasileiras com quem convivem. Por portarem tais características, eles são identificados como bolivianos pelos brasileiros com quem interagem e, assim, se tornam vítimas da violência física e simbólica. Cabe ressaltar que, de um lado, o racismo também atinge aqueles que nasceram no Brasil, mas apresentam as características fenotípicas associadas aos bolivianos, como João, Veronica e Gabriela. Por outro lado, a Bolívia é um país que abriga uma diversidade étnico-racial, o que significa que não são todos os bolivianos que apresentam um fenótipo indígena. Por isso, é possível que bolivianos com outras

características fenotípicas tenham uma experiência escolar diferente da vivida por nossos entrevistados. Uma terceira questão que poderíamos levantar é o imaginário sobre a Bolívia difundido no Brasil, reflexão que escapa do escopo deste trabalho. Cabe pontuar que o racismo vivido pelos jovens entrevistados se manifesta mais pelas suas características fenotípicas, que está visível em seus corpos, do que pela nacionalidade, já que os brasileiros de origem boliviana também são discriminados.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo centrou-se na análise da percepção de jovens e adultos que cresceram em famílias em que um dos pais é de origem boliviana e nenhum deles é de origem brasileira. Entre eles, estão indivíduos que nasceram na Bolívia, mas emigraram para o Brasil entre a infância e a adolescência, e aqueles que nasceram no Brasil, mas cujos pais são imigrantes. As memórias sobre a imigração sua e/ou de seus pais são centrais na construção de suas identidades, alicerçando sua interação com a sociedade brasileira. Para eles, instituição que mais efetivamente representa tal interação é a escola. Assim, a família, de um lado, e a escola, do outro, materializam a dupla vivência entre o país de imigração e o de emigração na vida cotidiana. Esta dupla vivência também se materializa na presença do espanhol, língua nativa dos pais, e do português, língua dominante na sociedade brasileira.

Em seus relatos, os entrevistados lembram que a entrada e permanência na escola se constituiu em um momento decisivo em suas trajetórias, em que a dupla vivência ganha forma e exige estratégias de resistências cotidianas. De um lado, eles recordam que foi na escola a primeira vez em que lhes foi exigido se comunicar exclusivamente em português, língua que seus pais não dominavam. Os entrevistados que têm irmãos mais velhos explicam que estes tiveram um papel fundamental, sendo os pioneiros a aprender português e a assumirem o papel de mediar o processo de aquisição da língua portuguesa dos irmãos mais novos e, muitas vezes, também dos próprios pais. Alguns deles observam que seus pais tentaram ajudar seus irmãos mais velhos a se adaptarem ao uso do português na escola adotando o português como língua de comunicação também em casa. No entanto, eles também não eram fluentes em português segundo a norma culta, comunicando-se numa fusão entre o português e o espanhol, o *portunhol*.

Por outro lado, os entrevistados relembram que, na sua participação na escola, o idioma foi uma dificuldade inicial que foi superada, apesar de nenhum deles ter tido acesso à educação bilíngue ou a métodos pedagógicos específicos para crianças que têm o português como segunda língua. Entretanto, muito além do idioma, a escola foi um espaço de tensão para eles. Todos os entrevistados compartilham que as maiores dificuldades que enfrentaram no cotidiano escolar foram o racismo e a xenofobia, que assumiram as diferentes formas

de discriminação, incluindo a rejeição dos outros alunos em se relacionar com eles chegando até a agressões físicas. Cabe ressaltar que todos os entrevistados apresentam um fenótipo indígena, sendo reconhecidos por seus colegas de escola e professores como bolivianos, mesmo quando são brasileiros – natos ou naturalizados. Isto significa que os entrevistados foram alvo de discriminação por uma combinação de critérios, incluindo seu fenótipo e a origem nacional sua ou de seus pais. Assim, os entrevistados nos mostram as dificuldades de terem seu duplo pertencimento – à Bolívia e ao Brasil – reconhecido pela camada da sociedade brasileira que a escola representa.

## REFERÊNCIAS

- BAENINGER, R.; OLIVEIRA, G. C. A segunda geração de bolivianos na cidade de São Paulo. In: BAENINGER, R (org.). **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. p. 179 -194.
- FREITAS, M. C.; SILVA, A. P. Crianças bolivianas na Educação Infantil de São Paulo: adaptações, vulnerabilidades e tensão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.45, n.157, jul./set. 2015, p.680-702.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- GONÇALVES, C. A. O limiar entre ser bolivianos e ser brasileiro: as identidades híbridas das crianças imigrantes na cidade de São Paulo. In: **Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina**. São Paulo: PROLAM, 2016. Disponível em <[https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/GONÇALVES\\_II-Simpósio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-América-Latina.pdf](https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/GONÇALVES_II-Simpósio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-América-Latina.pdf)> . Acesso em 1 mar. 2019.
- MAGALHÃES, G. M. Fronteiras do direito humano à educação: um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 2010.
- MAGALHÃES, G.; SCHILLING, F. Imigrantes da Bolívia na escola em São Paulo: fronteiras do direito à educação. **Pro-Posições**, Campinas, v.23, n.1, p.43-64, abr. 2012.
- OLIVEIRA, G. C. A segunda geração de latino-americanos na cidade de São Paulo: a questão do idioma. **REMHU**, Brasília, v. 22, n. 42, p. 213-230, Jun. 2014.
- \_\_\_\_\_. Efeitos indiretos da migração: a segunda geração de bolivianos na RMSP. In: **Anais XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Águas de Lindóia: ABEP, 2012. Disponível em <[www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/2056/2015](http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/2056/2015)> . Acesso em: 10 dez. 2019.
- PELLEGRINO, A. Drenaje, movilidad, circulación: nuevas modalidades de la migración calificada. In: **Anais do Simposio sobre Migración Internacional en las Américas**. San José: ECLAC, 2000. Disponível em: <[www.eclac.cl/publicaciones/Poblacion/4/LCG2124P/lcg2124P\\_pres.pdf](http://www.eclac.cl/publicaciones/Poblacion/4/LCG2124P/lcg2124P_pres.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SAYAD, A. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.

SILVA, S. **50 anos da imigração boliviana em São Paulo: 1957-2007**. CPM, 2007.

\_\_\_\_\_. **Costurando Sonhos**: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas: 1997.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a imigração boliviana na perspectiva da infância. A partir dos relatos de indivíduos que cresceram em São Paulo, Brasil, em lares bolivianos, analisamos as estratégias construídas por eles, quando crianças para atribuir sentido à sua experiência migratória. Ainda crianças, muitos deles assumiram o papel de sujeitos de ação “entre” o Brasil e a Bolívia, simbolizados principalmente pela escola e pela família, respectivamente. Este trabalho tem como base entrevistas semiestruturadas com oito indivíduos que cresceram em lares bolivianos. Todos os entrevistados integram o círculo de afinidade da coautora, também uma imigrante boliviana que cresceu em São Paulo. Inspirando-nos em Sayad (1998), abrimos o diálogo sobre a imigração boliviana no Brasil a partir de dentro, numa perspectiva que desestabiliza os dualismos entre sujeito e objeto do conhecimento; criança e adulto; imigração e emigração.

**Palavras-chave:** bolivianos, infância, *portunhol*

## ABSTRACT

This paper analyzes the Bolivian immigration from the perspective of childhood. Based on the stories of individuals who grew up in São Paulo, Brazil in Bolivian homes, we analyzed the strategies constructed by them as a child to give meaning to their migratory experience. While still children, many of them assumed the role of subjects of action “between” Brazil and Bolivia, symbolized mainly by the school and the family, respectively. This work is based on semi-structured interviews with 8 people who grew up in Bolivian homes. All the interviewees are part of the co-author’s personal network. She herself is also a Bolivian immigrant who grew up in São Paulo. Inspired by Sayad (1998), we open the dialogue about Bolivian immigration in Brazil from within, in a perspective that destabilizes the dualisms between subject and object of knowledge; child and adult; immigration and emigration.

**Keywords:** Bolivians, childhood, *portunhol*.